

O SEGREGO PARA A FELICIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTADOS

DANIEL SULIANO

ANALISTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS. INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ.

E-MAIL: daniel.suliano@ipece.ce.gov.br.

TELEFONE: (85) 98705-0196

LILIAN RIBEIRO

PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

E-MAIL: liadiniz-21@hotmail.com.

DOMINGOS DA SILVA

ECONOMISTA.

E-MAIL: domingsbrito@gmail.com.

ÁREA 2: ECONOMIA SOCIAL

O SEGREGO PARA A FELICIDADE: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ESTADOS

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os determinantes da felicidade sob a luz de um enfoque regional fazendo uso da base de dados da *Word Values Survey* (WVS) para o ano de 2014. Para tanto, foi estimado um modelo *logit* ordenado a partir de um conjunto de atributos pessoais dos entrevistados para duas unidades federativas com características socioeconômicas bem distintas: Ceará e São Paulo. Diversos resultados aqui obtidos estão em consonância com a literatura, muito embora não se tenha um padrão comum. As variáveis ocupacionais, por exemplo, não corroboram os maiores níveis de insatisfação e infelicidade das pessoas desempregadas. Por outro lado, os resultados para o Ceará ratificam a relação de U entre idade e felicidade. Associações positivas com o bem-estar para casados além da contrariedade no que concerne a crença da paternidade são outras evidências observadas. Os resultados também reforçam que maior renda não se traduz em uma vida mais satisfatória. Palavras-Chave: Felicidade; Ceará; São Paulo; *Word Values Survey*.

CLASSIFICAÇÃO JEL: I12; I30; I31

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the determinants of happiness under the light of a regional approach using the database of the *Word Values Survey* (WVS) for the year 2014. We estimated a *logit* model ordered from a set of personal attributes for two federal units with very distinct socioeconomic characteristics: Ceara and Sao Paulo. Several results obtained here are in agreement with the literature, although there is no common standard. Occupational variables, for example, do not corroborate the higher levels of unhappiness of the unemployed. On the other hand, the results for Ceara confirm the relationship between age and happiness. Positive associations with well-being for married couples besides the contrariety regarding the paternity belief are other evidences observed. The results also reinforce that higher income does not translate into a more satisfying life.

Keywords: Happiness; Ceara; Sao Paulo; *Word Values Survey*.

JEL CLASSIFICATION: I12; I30; I31

1. INTRODUÇÃO

A felicidade tem sido objeto de reflexão desde os filósofos na Grécia antiga, tendo em Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) e Epicuro (341 a.C. – 270 a.C.) os principais proeminentes. De fato, enquanto para o primeiro o entendimento da felicidade estava associado à atividade da alma realizada em conformidade com a virtude¹, para o segundo o prazer é o princípio e o fim da vida feliz².

No entanto, a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra nos séculos XVIII e XIX ao ocasionar um inédito progresso humano através de um contínuo crescimento econômico redefiniu paradigmas no que concerne a felicidade.

Como observa Deaton (2017), durante milhares de anos, quem tivesse sorte de sobreviver na infância seria no restante da vida assolado pela pobreza. Por outro lado, Revolução Industrial e teorias microbianas das doenças melhoraram significativamente os padrões de vida das pessoas como também mais que dobrou as expectativas de vida do que em qualquer outro momento da história.

Todas essas mudanças requerem novos arquétipos de análise. No campo econômico, por exemplo, as métricas de medição, como o Produto Interno Bruto (PIB) e Contas Nacionais data do final dos anos 1930³. De acordo com Resende (2015), em que pese sua adequação como indicador de atividade, essencialmente agrícola e industrial para economias avançadas da primeira metade do século XX, no mundo de hoje o conceito de PIB não parece ser adequar a realidade, sobretudo como indicador de qualidade de vida.

Não obstante, o PIB vem sendo utilizado largamente como medidor do progresso e do desenvolvimento dos países em geral. Ademais, gestores e formuladores de políticas têm-se preocupado muitos mais com a maximização do PIB do que com o real padrão de bem-estar social [Ribeiro e Marinho (2017)]. Por sua vez, para Chen (2015) o PIB não pode ser considerado como indicador de que a sociedade vai bem, pois não consegue capturar muitos componentes de bem-estar. Shrotryia (2013) também avalia que os indicadores econômicos podem medir o nível de desenvolvimento e crescimento de uma nação, mas não leva em consideração o efetivo padrão de vida das pessoas.

Em contrapartida, na década de 1970 o Reino do Butão buscou medir o nível de bem-estar de uma população com base no padrão de vida, saúde, educação, governança, vitalidade comunitária, resiliência ecológica, uso equilibrado do tempo e bem-estar psicológico através do índice de Felicidade Interna Bruta (FIB).

Adicionalmente, Kahneman (2012) observa que felicidade não é uma avaliação natural e fácil exigindo uma dose razoável de pensamento preferindo o uso do termo “bem-estar subjetivo”. Neste contexto, Deaton (2017) utiliza apenas o termo bem-estar para designar tudo aquilo que faz bem a uma pessoa e que ajuda a tornar a vida melhor. De maneira mais específica, o conceito abrange quatro vetores: bem-estar material, bem-estar físico e psicológico, educação e participação na sociedade.

Em outra perspectiva, o economista e professor de ciências comportamentais Paul Dolan segue uma linha de pesquisa na qual conceitua a felicidade pela maneira como se aloca a atenção. De acordo com Dolan (2015), é preciso decidir sabiamente no que prestar atenção tendo em conta que não ser feliz plenamente é resultante de má alocação de tempo, o que permite ampliar marginalmente a felicidade quando se rearranja a atenção mais eficientemente.

¹ Ver Aristóteles (1991).

² Ver Botton (2000).

³ Simon Kuznets (1901–1985) e Richard Stone (1913–1991) foram laureados com o prêmio Nobel de economia de 1973 e 1984, respectivamente, por contribuições relativas ao desenvolvimento do sistema de contas nacionais tendo o PIB como o indicador econômico mais utilizado na mensuração da atividade econômica.

No Brasil, pesquisas relacionadas à felicidade e nível de bem-estar ainda são incipientes, sobretudo aquelas que discorrem efeitos mais locais. Embora não utilize base de dados nacionais, o livro seminal de Giannetti (2002) é um ensaio que discorre sobre a felicidade humana através de diálogos filosóficos com personagens tipicamente brasileiros. Corbi e Menezes Filho (2006) e Ribeiro e Marinho (2017) são outros trabalhos nacionais referentes ao tema utilizando dados da *World Value Survey* (WVS).

Outros estudos empíricos também discutiram a temática em nível local. Em Sales *et al.* (2013) foi feita uma discussão da felicidade para a cidade de Lavras (MG) a partir de uma adaptação do questionário do FIB, enquanto Del Bianco *et al.* (2016) investigou os fatores que afetam a felicidade dos moradores de Cascavel (PR). Finalmente, Aydos *et al.* (2017) teve como análise fatores econômicos e sociais sobre os níveis de felicidade subjetiva de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Sob um prisma regional, são escassas as análises que tratam do tema, muito embora estudos como o de Barros (2011) ressaltem a existência de um problema regional. De fato, de acordo com IPECE (2017) quase 1/3 da renda produzida no Brasil é proveniente do Estado de São Paulo, enquanto o Ceará concentra pouco menos de 2% desse total.

Dentro dessa temática, Pessôa (2001, 2011) diferencia o problema da baixa renda per capita por motivo regional do problema da baixa renda per capita por motivo social no qual o primeiro caso uma região apresenta baixa renda per capita em razão de características idiossincráticas da região, enquanto no segundo a região é pobre por conta de características dos moradores da região.

Diante de tais assertivas, o objetivo deste trabalho é verificar a contribuição de variáveis sociais e econômicas obtidas do *World Values Survey* (WVS) como determinantes da felicidade a partir de uma análise regional entre duas unidades da federação com características econômicas distintas: Ceará e São Paulo.

A WVS, sediada na Áustria, teve início em 1981 com pesquisas nacionalmente representativas sendo, atualmente, realizada em quase 100 países. É uma rede global de cientistas sociais que tem como objetivo estudar mudança de valores e seu impacto na vida social e política. Adicionalmente, procura ajudar cientistas e formuladores de políticas a entender mudanças nas crenças, valores e motivações das pessoas.

Além desta introdução, este trabalho apresenta mais quatro seções. Na segunda seção é feita uma análise holística acerca da felicidade e do bem-estar além de enfatizar evidências empíricas. Algumas evidências são levantadas bem como uma descrição da base de dados a ser utilizada e do modelo econométrico estimado são objetos da terceira seção. As análises e discussões dos resultados encontrados de acordo com a literatura especializada são feitas na quarta seção. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

2. UMA VISÃO HOLÍSTICA DA LITERATURA DE FELICIDADE

Como dito acima, o tema felicidade depois de ser objeto de investigação nas primeiras escolas de filosofia na Grécia Antiga transfigurou-se em diversos conceitos assim como adquiriu enorme capilaridade nas mais distintas áreas.

No final do século XVIII, a filosofia utilitarista, tendo como seu maior expoente e fundador Jeremy Bentham (1748-1832) tinha como ideia central que o mais elevado objetivo da moral é a maximização da felicidade. Como destaca Sandel (2009), a filosofia utilitarista reconhece que somos regidos pelos sentimentos de prazer e dor definindo como utilidade qualquer coisa que produza prazer ou felicidade e que evite a dor ou o sofrimento.

Adam Smith (1723-1790), o mais proeminente economista e tido como fundador das ciências econômicas, na condição de professor de filosofia moral também discorreu sobre questões relativas à conduta. De fato, Roberts (2015) lembra que Smith afirmava que prestar

atenção no modo como sua conduta é percebida oferece mais do que um agradável benefício colateral podendo também levar a serenidade, tranquilidade e a felicidade.

Mesmo que Smith (2002) descrevesse nos sentimentos das pessoas vantagens em melhorar suas condições ao adquirir notoriedade, simpatia, complacência e aprovação social, o mesmo não era um adepto da busca frenética por fortuna na medida em que a felicidade humana vem da consciência de sermos amado sendo para ele o sentimento do amor um fim em si.

Não obstante a diversidade na definição do conceito, alguns pontos podem vir à baila no que tange ao que vem a ser felicidade. Desde os ensinamentos de Epicuro já se alertava que o alcance da felicidade como bem supremo exige trabalho duro e não é algo que acontece com facilidade. De acordo com Harari (2016), o teto de vidro da felicidade é mantido por um pilar psicológico e um biológico. No caso do primeiro, a felicidade depende mais de expectativas do que de condições objetivas. No campo biológico, expectativas e felicidade são determinadas eminentemente pela bioquímica e não pela situação econômica e social.

Por outro lado, Corbi e Menezes Filho (2006) atestam que o termo felicidade pode ser considerado uma tarefa muito trabalhosa de ser levada a cabo, pois sua definição pode ser associada a muitos conceitos e definições que dificultam uma especificação de forma consistente e abrangente.

Para Dorji (2004), por exemplo, a felicidade é definida simplesmente como uma instância de profundo prazer ou contentamento com as circunstâncias de alguém sendo, portanto, um estado de espírito.

Além disso, os trabalhos que tratam das especificações do nível de bem-estar e da felicidade das populações vêm ganhando notoriedade e demonstrando que a temática é passível de múltiplas análises, além de esforços para a criação de indicadores capazes de captar e indicar o fenômeno [Del Bianco *et al.* (2016)].

De fato, Chen (2015) aborda a felicidade como sendo um bem público, resultante da garantia de um bem-estar sustentável, lembrando para a distinção entre o conceito de felicidade da literatura ocidental, que considera aspectos objetivos, e o da cultura butanesa, que considera aspectos subjetivos. Nesta perspectiva, Shrotryia (2013) discorre que a felicidade é um sentimento individual, mas é o bem-estar da coletividade que gera resultados positivos para uma nação.

De acordo com Verma (2017), estudos sobre felicidade nos fornecem uma melhor compreensão dos aspectos subjetivos do bem-estar e informações importantes sobre como o desenvolvimento, além seus determinantes como renda e condições materiais podem ser realocados para a melhoria da qualidade de vida.

A capilaridade do termo felicidade também faz parte de um campo da psicologia, a chamada psicologia positiva, no qual ajuda as pessoas a encontrar a felicidade e sentido para a vida. De acordo Seligman (2004), os três pilares da psicologia positiva são o estudo da emoção positiva, o estudo dos traços positivos e o estudo das instituições positivas (democracia, família e a liberdade). Estas instituições dão suporte às virtudes, um dos traços positivos⁴, que, por sua vez, apoiam as emoções positivas.

Seligman (2004) também ressalta que a psicologia positiva vai além da “felicologia” ou hedonismo, característica esta resultante daqueles que gerenciam a vida pelo máximo de bons momentos e o mínimo de maus momentos. Em oposição, o autor pondera que a soma total de nossos sentimentos passageiros mostra-se uma medida muito imprecisa para a avaliação de um episódio, seja um filme ou uma vida.

Por outro lado, em estudos mais recentes, Seligman (2011) avança no conceito de psicologia positiva ao descrever que seu principal tema é o bem-estar, que, por sua vez, tem

⁴ As forças e as habilidades (inteligência e capacidade atlética) também são traços positivos.

como principal critério o florescimento. Assim, nesta perspectiva, bem-estar trata-se de um constructo, e felicidade uma coisa real, definida como uma entidade diretamente mensurável.

De forma mais específica, a teoria do bem-estar nega que o tema da psicologia positiva seja uma coisa real; ele é, antes, um construto com diversos elementos mensuráveis, cada um deles contribuindo para formar o bem-estar, mas nenhum deles o exaurindo. A teoria do bem-estar tem cinco elementos, cada um deles com três propriedades⁵. Os cinco elementos são: emoção positiva, engajamento, sentido, relacionamentos positivos e realização [Seligman (2011)].

O economista Paul Dolan trabalhando na interface entre economia, psicologia, filosofia e políticas públicas define felicidade como experiências de prazer e propósito ao longo do tempo. Nesse contexto, estar mais interessado nas experiências de vida das pessoas do que nas avaliações que elas fazem da própria vida. Assim, a felicidade é determinada pela maneira como você aloca sua atenção⁶.

Adicionalmente, ser feliz de verdade é encontrar o melhor equilíbrio pessoal entre prazer e propósito. Cada um pode ser tão feliz ou tão triste quando comparado com outro indivíduo, mas com combinações muito diferentes de prazer e propósito. Dolan (2015) chama isso de princípio do prazer e do propósito (PPP).

Na literatura econômica nacional, Ribeiro e Marinho (2017) ao analisarem os determinantes da felicidade e do bem-estar no Brasil utilizando um conjunto de variáveis pessoais e variáveis macroeconômicas constataram que a renda influencia positivamente a probabilidade dos indivíduos serem felizes, porém sua relevância é menor que o fato do indivíduo estar empregado ou ter curso superior.

No seminal artigo sobre felicidade no Brasil Corbi e Menezes (2006) associaram o conceito a algumas variáveis, tais como renda, desemprego, educação, sexo, estado civil e idade. Os autores constataram forte relação entre a probabilidade de ser feliz e o nível de renda da população, uma vez que pessoas ricas e com emprego têm mais chances de serem felizes. Em relação às características pessoais, indivíduos casados, mostram-se, na média, mais felizes que os outros. Já em relação à idade, a felicidade tende a atingir o ponto mínimo por volta dos 54 anos.

Nos trabalhos de âmbito regional, Sales *et al.* (2013) busca através de uma adaptação do questionário FIB na cidade de Lavras (MG) avaliar se aspectos como sexo, idade, escolaridade e localização geográfica podem implicar diferenças nos níveis de felicidade dos indivíduos. Os resultados revelaram níveis distintos de felicidade de acordo com o seu sexo, idade, escolaridade ou região que residem, em sete dos nove indicativos do FIB e no próprio índice FIB (exceto quanto à resiliência ecológica e diversidade cultural e resiliência).

Em Del Bianco *et al.* (2016) questionários avaliaram fatores pessoais que poderiam afetar a felicidade dos indivíduos dos moradores de Cascavel (PR). Dentre os resultados, ser otimista, praticar exercícios físicos e participar de algum grupo social foram os fatores que mais afetaram positivamente a felicidade. Ao utilizar um questionário do tipo survey, Aydos *et al.* (2017) analisaram a influência de fatores econômicos e sociais sobre os níveis de felicidade subjetiva da população do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Escolaridade, idade, estado civil e o estado de origem são fatores que influenciam mais fortemente nos níveis de felicidade dos moradores da cidade.

⁵ Cada elemento do bem-estar deve possuir três propriedades para ser considerado um elemento: 1) Ele contribui para a formação do bem-estar; 2) Muitas pessoas o buscam por ele próprio, e não apenas para obter algum dos outros elementos; 3) É definido e mensurado independentemente dos outros elementos (exclusividade).

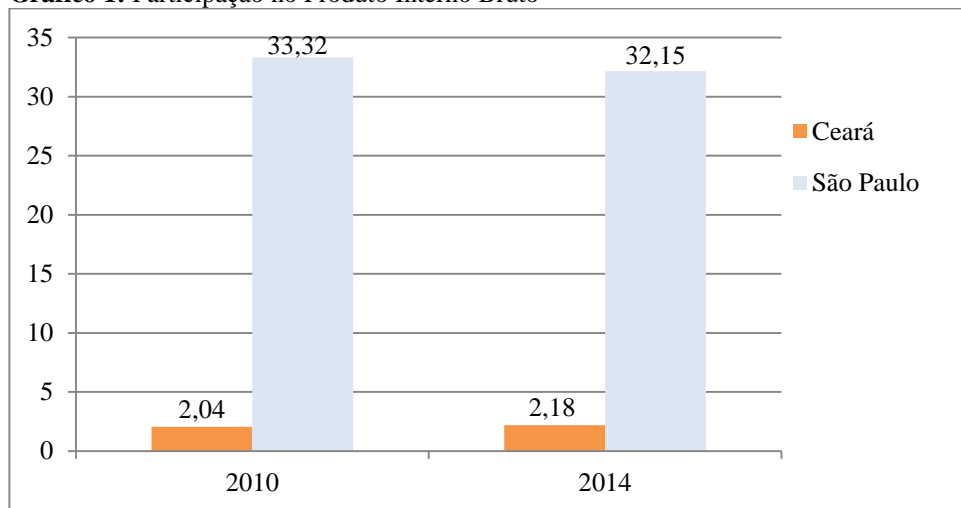
⁶ Uma boa analogia empregada por Dolan (2015) é dizer que a filmadora é muito mais eficiente para mostrar como nos sentimos felizes ao longo do tempo do que retratos instantâneos da satisfação com a vida.

3. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

3.1. VISÃO REGIONAL SOCIOECONÔMICA

O Gráfico 1 a seguir apresenta a participação do Produto Interno Bruto (PIB) do Ceará e de São Paulo no total nacional para os anos de 2010 e 2014. Como o PIB pela ótica da renda é calculado pelo somatório de fatores além de ser um indicador de riqueza, pode-se a partir deste conceito observar diferenças entre as unidades federativas.

Gráfico 1: Participação no Produto Interno Bruto

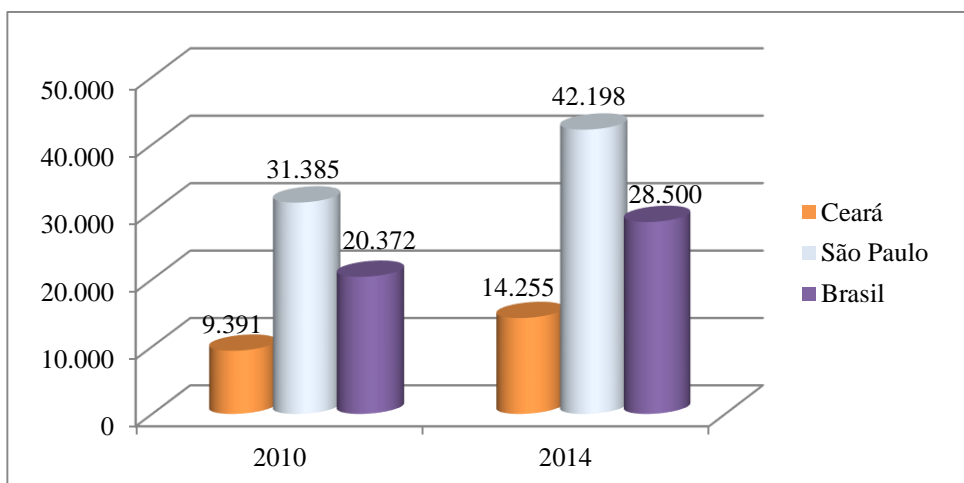


Fonte: IBGE. Elaboração pelos autores.

Em primeiro lugar, destaca-se que a participação da atividade econômica de ambas as regiões não apresenta fortes variações em relação ao total nacional no intervalo de 4 anos. Adicionalmente, é revelador que o estado de São Paulo tenha uma capacidade de riqueza 16 vezes maior que o Ceará.

Neste mesmo contexto, os dados do Gráfico 2 apresenta o PIB per capita a preços correntes novamente para Ceará e São Paulo e também para o Brasil nos anos de 2010 e 2014. Como observam Feijó e Ramos (2013, 2017), o PIB per capita é uma referência importante como medida sintética de padrão de vida e desenvolvimento econômico além de ser largamente utilizado como uma aproximação de bem-estar, não obstante suas limitações.

Gráfico 2: Produto Interno Bruto per capita a preços correntes



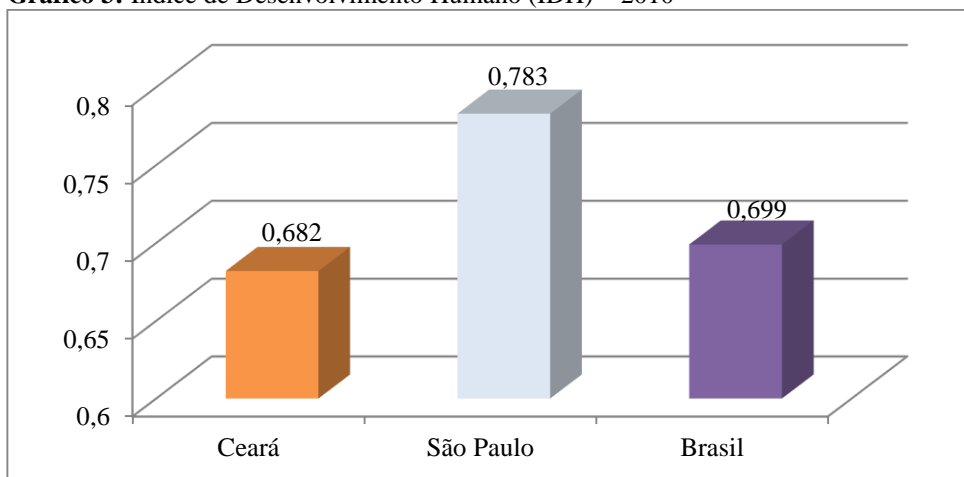
Fonte: IBGE. Elaboração pelos autores.

Os dados do gráfico acima reforçam as evidências iniciais do gráfico anterior no que concerne as disparidades regionais, pelo menos no aspecto do fluxo de renda. De fato, o PIB per capita de São Paulo além de maior que o nacional é quase 3,0 vezes maior que o do Ceará.

Por sua vez, o Gráfico 3 apresenta novamente um comparativo entre os estados em análise e o Brasil para o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ano 2010, indicador mais abrangente de bem-estar que o PIB per capita e usado como medida de qualidade de vida para uma determinada região.

De acordo com Feijó e Ramos (2017), o IDH é um índice de desenvolvimento para monitorar e comparar de forma abrangente os progressos realizados pelos diferentes países, considerando-se a melhoria da qualidade de vida da população.

Gráfico 3: Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – 2010

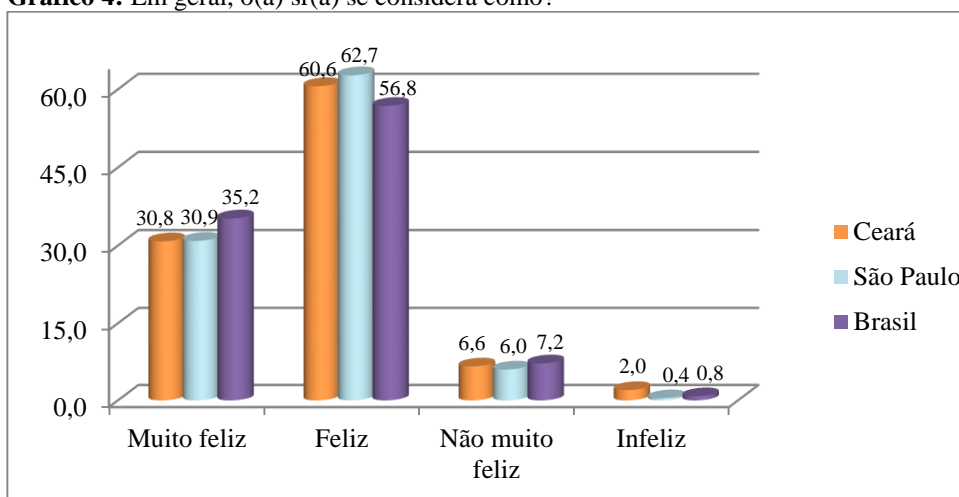


Fonte: Pnud. Elaboração pelos autores.

Mais uma vez, além de o estado de São Paulo deter um melhor indicador que o Ceará seu índice encontra-se em patamar superior ao nacional. Nesse contexto, tanto em termos de variáveis que medem capacidade de riqueza e esforço produtivo assim como padrão de bem-estar São Paulo encontra-se em patamar superior ao Ceará e até mesmo acima que o Brasil.

Finalmente, o Gráfico 4 apresenta o “estado de felicidade” dos entrevistados na WVS do ano de 2014 para os estados do Ceará e São Paulo e também do Brasil.

Gráfico 4: Em geral, o(a) sr(a) se considera como?



Fonte: WVS. Elaboração pelos autores.

De acordo com o gráfico acima, mais da metade dos entrevistados nas três áreas geográficas declaram-se que estão felizes. No caso onde as pessoas se declararam estar muito feliz, a segunda maior em termos percentuais, a diferença entre Ceará e São Paulo praticamente não existe: 30,8% contra 30,9%, respectivamente. No caso das pessoas que se declararam infelizes, chama atenção o percentual relativo do Ceará (2%) com relação a São Paulo (0,4%) e o Brasil (0,8%).

Esses resultados não reforçam a hipótese dos chamados bens posicionais para unidades espaciais “abertas”, como, por exemplo, as unidades federativas aqui analisadas. Os bens posicionais são socialmente escassos em razão da insuficiência de renda para sua aquisição sendo prerrogativa de poucos e motivo de inveja para a maioria. Para Miller (2012), consumidores se esforçam para “comunicar identidades desejadas” aos outros através da escolha de produtos, especialmente quando a “ênfase identitária” dos produtos é elevada.

Como bem destacou Smith (1996) na riqueza das nações, o prazer principal dos que possuem riqueza consiste na sua ostentação e opulência visto que o mérito do objeto decorre de sua raridade e são eles que podem pagar.

Adicionalmente, a ideia de bens posicionais também poderia ser vista sob uma perspectiva de inveja. Inveja, do verbo latino *invedere* (não ver a si mesmo) foi simbolizada por Dante (1999) no segundo terraço do purgatório como forma de hierarquizar os setes pecados capital. Acima apenas do orgulho, os invejosos foram postos de olhos costurados com arame e condenados a não verem nada até purgarem seus pecados. As evidências parecem não sustentar tal hipótese na perspectiva regional.

3.2. DESCRIÇÃO DOS DADOS E MODELO ECONÔMETRICO

As variáveis aqui utilizadas foram integralmente retiradas do banco de dados da *World Values Survey* (WVS) do ano de 2014. Como dito acima, a WVS é uma rede global de cientistas sociais e há mais de trinta anos aplica pesquisas de caráter sociocultural e econômico em quase cem países tendo como propósito gerar um banco de dados com relação à evolução de crenças e valores de pessoas ao redor do mundo. No Brasil, a pesquisa foi aplicada para os anos de 1991, 2006 e de 2014.

No que tange a resposta relativa ao “estado de felicidade” o indivíduo entrevistado responde a seguinte pergunta: *em geral, o(a) Sr(a) se considera como?* A resposta a essa

pergunta deverá constar de um e somente um dos seguintes itens: *muito feliz*; *feliz*; *não muito feliz*; *infeliz*.

As respostas acima representam variáveis ordinais latentes não observáveis. Nesses termos, para que a estimação se torne factível e seja capaz de ponderar a intensidade do estado de felicidade do entrevistado faz-se necessário quantificar as respostas dadas. Assim sendo, ao assumir valores numéricos e ordenados que variam de 1, representando pior estado de felicidade, a 4, melhor estado, foi criada uma variável “estado de felicidade”: 1 quando o entrevistado se autodeclara como “infeliz”; 2 quando responde “não muito feliz”; 3 quando a resposta é “feliz”; 4 quando afirma ser “muito feliz”.

Adicionalmente, a WVS a partir de seu questionário apresenta um conjunto de atributos dos entrevistados que permitem serem utilizados como controles, a saber: *escala de renda e idade* do entrevistado, além de doze *dummies* construídas a partir das seguintes variáveis: *ocupação*; *nível educacional*; *sexo*; *estado civil*; *grupo étnico*; *tamanho da cidade*; *filho*. O Quadro 1 a seguir apresenta uma descrição mais detalhada destas variáveis.

Quadro 1: Descrição das variáveis explicativas

tipo de variável	variável explicativa
sexo ou gênero	<i>dummy</i> para o gênero masculino
grupo étnico	<i>dummy</i> auto-declaração para etnia branca
demografia	idade, idade ²
estrutura familiar	<i>dummy</i> para presença filhos
estado civil	<i>dummy</i> para casado
localização geográfica	<i>dummy</i> para quem reside em cidade com mais de 500 mil habitantes
nível educacional	<i>dummy</i> para nível superior, <i>dummy</i> para outro nível educacional
rendimentos	escala de renda entre 0 a 10
tipo de ocupação	<i>dummy</i> para empregado, <i>dummy</i> para aposentado, <i>dummy</i> para estudante, <i>dummy</i> para dona de casa, <i>dummy</i> para outras ocupações

Fonte: Elaboração pelos autores.

Os parâmetros das variáveis explicativas foram estimados por meio de um modelo do tipo *logit* ordenado tendo em conta que a variável dependente “estado de felicidade” ser de natureza ordenada.

É oportuno ressaltar também que o modelo *logit* ordenado é empregado para estimar valores de variáveis latentes por meio de equações lineares. Neste caso, as variáveis latentes não são observadas diretamente nos dados disponíveis, sendo segregadas por intervalos numéricos ordenados de acordo com categorias da variável com esse tipo de característica. A estrutura geral do modelo pode ser descrita por:

$$y_i^* = \beta_i' X_i + \varepsilon_i, \quad i = 1, \dots, n. \quad (01)$$

em y_i^* é a variável observada em sua forma discreta em quatro categorias ligadas ao nível de felicidade dos entrevistados; β_i o vetor de parâmetros a serem estimados e X_i o conjunto de variáveis explicativas. Assume-se também que o erro aleatório, ε_i , segue uma distribuição logística por hipótese. Por fim, o subscrito i é relativo ao indivíduo na amostra de tamanho n .

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os resultados das estimações do modelo *logit* ordenado para a probabilidade do estado de felicidade do estado do Ceará e do estado de São Paulo (erros-padrão entre parênteses). A Tabela 2 e a Tabela 3 apresentam os resultados dos efeitos marginais para Ceará e São Paulo, respectivamente (*p*-valor entre parênteses).

Em primeiro lugar, deve-se observar que, em ambos os estados, apenas três variáveis apresentaram-se, estatisticamente, significante.

No que tange a *dummy* relacionada ao rendimento do entrevistado (*escrenda*), em nenhuma das unidades federativas não há associação dela com felicidade. Em contraposição a isso, Harford (2016) destaca que o dinheiro pode muito bem trazer felicidade dentro do contexto de uma determinada sociedade, com resultados bem robustos para a felicidade de pessoas mais ricas do que para as pessoas mais pobres⁷. Deaton (2017) também observa que pessoas que habitam países de baixa renda avaliam suas vidas como insatisfatórias, enquanto que nos Estados Unidos e em outros países ricos as pessoas de alta renda tendem a fazer uma avaliação positiva de sua realidade.

Giannetti (2002), por outro lado, mostra a partir da literatura especializada que o crescimento econômico compra felicidade nos países extremamente pobres, mas quando se atinge níveis equivalentes de renda a países como Coréia do Sul, Irlanda e Portugal acréscimos adicionais não mais se traduzem em ganhos de bem-estar subjetivo. Adicionalmente, de acordo com o autor, décadas de forte crescimento nos Estados Unidos, Europa e Japão desde a segunda metade do século XX muito pouco ou nada alteraram as proporções de indivíduos felizes e infelizes em suas populações.

Para as variáveis ocupacionais, *dummies* de emprego (*dempr*), aposentados (*dapose*), estudantes (*destud*), dona-de-casa (*ddonadecasa*) e outras ocupações (*doutocup*), na qual se diferenciam da categoria base *desemprego*, nenhuma também se mostrou significativa.

Esse é um resultado inesperado na medida em que as evidências com relação aos efeitos do emprego nos níveis de satisfação e felicidade das pessoas são bem catalogados. De fato, Giannetti (2002) pontua que os desempregados involuntários chegam a apresentar taxas maiores de infelizes, suicidas e até mesmo para-suicidas do que a média da população, mesmo quando se controla os efeitos da perda de renda e em países onde o salário-desemprego são generosos.

No que se refere a variável raça incluída no modelo (*dbran*), na qual o entrevistado se autodeclara como sendo branco comparado aos negros e demais raças autodeclaradas, também não apresentou significância. A princípio, este último resultado é esperado considerando que o nível de felicidade das pessoas não depende da sua cor autodeclarada.

Tabela 1: Regressão Logística para a Probabilidade de Felicidade

Variável Dependente: estado de felicidade

⁷ Ressalta-se que um amplo conjunto de resultados da literatura revela também a existência do paradoxo de Easterlin no qual descreve que pessoas mais ricas sejam mais felizes do que as pessoas mais pobres e que sociedades mais ricas não são mais felizes do que as sociedades mais pobres [Harford (2016)].

Variáveis Explicativas [#]	Ceará	São Paulo
escala de renda (<i>escrenda</i>)	0,0942 (0,1600)	0,0404 (0,1068)
<i>dummy</i> emprego (<i>dempr</i>)	1,1908 (1,1118)	0,6453 (0,4997)
<i>dummy</i> aposentado (<i>dapose</i>)	1,0428 (1,3362)	0,8296 (0,7512)
<i>dummy</i> estudante (<i>destud</i>)	-0,0749 (1,6860)	1,4916 (1,3259)
<i>dummy</i> dona de casa (<i>ddonadecasa</i>)	0,5312 (1,2824)	0,1803 (0,7223)
<i>dummy</i> outras ocupações (<i>doutocup</i>)	- -	-1,4452 (2,2618)
<i>dummy</i> ensino superior (<i>denssup</i>)	0,5733 (0,8510)	0,3830 (0,5335)
<i>dummy</i> outro nível educacional (<i>doutniveduc</i>)	1,2750* (0,7595)	-0,4355 (0,3956)
Idade	-0,2114* (0,1148)	-0,0158 (0,0554)
Idade ²	-0,0019* (0,0011)	-0,000052 (0,000579)
<i>dummy</i> masculino (<i>dmasc</i>)	0,6749 (0,6762)	-0,9627*** (0,3671)
<i>dummy</i> casado (<i>dcas</i>)	-0,7747 (0,7379)	0,8994** (0,3930)
<i>dummy</i> branco (<i>dbran</i>)	-0,1548 (0,6173)	-0,1290 (0,3501)
<i>dummy</i> cidade mais de 500 mil (<i>dcidmais500</i>)	-0,1365 (0,6196)	0,5618* (0,3505)
<i>dummy</i> filhos (<i>dfilhos</i>)	-0,5843 (0,8078)	-0,1279 (0,4702)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das estimativas dos dados da amostra da World Values Survey (WVS).

Notas: i) #Erros-padrão robusto à heteroscedasticidade entre parênteses.

ii) ***, ** e * denotam a significância estatística aos níveis de 1%, 5% e 10%.

Sobre a *dummy* relacionada à paternidade (*dfilhos*), a relação também é não significativa, não estando em consonância com os estudos de Hansen (2012) e Deaton e Stone (2013).

De acordo com Hansen (2012), a maioria das pessoas ainda mantém crenças relativas à paternidade como forma de realização além de confundirem recompensas dos pais com felicidade. Ele também ressalta que o mito da paternidade é ainda mais pleno em países onde se tem maior probabilidade dele ser falso. Além disso, seus resultados revelam que mulheres solteiras e de baixo nível socioeconômico tendem a apresentar maiores níveis de bem-estar pela falta de filhos em razão da efetiva adaptação e compensação que uma vida sem filhos ocasiona. Deaton e Stone (2013) também mostram que idosos americanos que convivem com menores de 18 anos apresentam avaliações de vida menos satisfatórias com relação aqueles que não apresentam convivência além de piores resultados em termos experiências emocionais, incluindo maior stress, raiva e menos prazer e felicidade.

Com relação às *dummies* de escolaridade, a variável *denssup* (se o entrevistado possui curso superior) e *doutniveduc* (se possui outro nível educacional) apenas esta última,

apresentou resultados significativo para o estado do Ceará – tendo como comparação àqueles que se declaram analfabetos.

Tabela 2: Efeitos Marginais da Probabilidade de Felicidade no Ceará

Variáveis Explicativas	dy/dx (1)	dy/dx (2)	dy/dx (3)	dy/dx (4)
escala de renda (<i>escrenda</i>)	0,0139 (0,0237)	-0,0108 (0,0187)	-0,0030 (0,0053)	- -
<i>dummy</i> emprego (<i>dempr</i>)	0,1812 (0,1729)	-0,1425 (0,1397)	-0,0386 (0,0408)	- -
<i>dummy</i> aposentado (<i>dapose</i>)	0,1813 (0,2641)	-0,1545 (0,2377)	-0,0268 (0,0307)	- -
<i>dummy</i> estudante (<i>destud</i>)	-0,0108 (0,2388)	0,0083 (0,1811)	0,0024 (0,0576)	- -
<i>dummy</i> dona de casa (<i>ddonadecasa</i>)	0,0886 (0,2378)	-0,0743 (0,2094)	-0,0143 (0,0296)	- -
<i>dummy</i> outras ocupações (<i>doutocup</i>)	- -	- -	- -	- -
<i>dummy</i> ensino superior (<i>denssup</i>)	0,0956 (0,1570)	-0,0801 (0,1389)	-0,0154 (0,0203)	- -
<i>dummy</i> outro nível educacional (<i>doutniveduc</i>)	0,2225 (0,1447)	-0,1894 (0,1340)	-0,0330 (0,0215)	- -
Idade	-0,0312 (0,0168)	0,0244 (0,0145)	0,0068 (0,0047)	- -
Idade ²	0,000282 (0,000167)	-0,0002 (0,0001)	-0,000061 (0,000045)	- -
<i>dummy</i> masculino (<i>dmasc</i>)	0,1077 (0,1167)	-0,0881 (0,1002)	-0,0196 (0,0202)	- -
<i>dummy</i> casado (<i>dcas</i>)	-0,1143 (0,1088)	0,0887 (0,0870)	0,0255 (0,0270)	- -
<i>dummy</i> branco (<i>dbran</i>)	-0,0228 (0,0908)	0,0178 (0,0710)	0,0050 (0,0201)	- -
<i>dummy</i> cidade mais de 500 mil (<i>dcidmais500</i>)	-0,0203 (0,0928)	0,0159 (0,0733)	0,0043 (0,0197)	- -
<i>dummy</i> filhos (<i>dfilhos</i>)	-0,0914 (0,1333)	0,0740 (0,1115)	0,0174 (0,0243)	- -

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das estimativas dos dados da amostra da World Values Survey.

Similarmente, com respeito à *dummy* que diferencia o gênero (*dmasc*), foi observada diferença de média entre homens e mulheres quanto à felicidade para o estado de São Paulo.

Sobre este último resultado, é interessante destacar que em um trabalho de White e Dolan (2009) foi feito o uso do método de reconstrução do dia (DRM) para atividades que valeriam a pena em 1.825 pessoas de uma universidade alemã através de um painel da internet. Neste caso, mulheres sentem mais felicidade ao longo do dia quando adicionado de propósito, enquanto os homens mais prazer, o que mostra a dificuldade, em razão da variável dependente disponível no presente estudo captar diferenças de média entres gêneros considerando a diversidade nos resultados alcançados na literatura disponível.

Uma ampla literatura tem discorrido sobre a relação de U entre idade e felicidade. Os resultados para o estado do Ceará ratificam essa relação tanto em termos de significância como em sinal esperado (negativo para o termo linear da idade e positivo para o seu termo quadrático, de acordo com a Tabela 1).

Frijters e Beatton (2012) mostram que esta constatação vale para diversos países, como Alemanha, Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e, como enfatizado pelos autores, até mesmo para a África do Sul. Schwandt (2013) também observa que o bem-estar humano segue uma forma de U ao longo da idade, quando observados os resultados para mais de cinquenta países, para diversos grupos socioeconômicos e até mesmo para grandes símios.

Quanto ao resultado para *dummy* relacionada ao estado civil (*dcas*), é relevante citar a pesquisa de Dolan, Peasgood e White (2008) em uma revisão detalhada da literatura para dados longitudinais da Alemanha e Reino Unido, na qual constataram associações positivas com o bem-estar para aqueles casados ou que morem juntos. Neste caso, portanto, destaca-se a significância e a convergência dessa evidência para o estado de São Paulo.

Finalmente, a variável *dummy dcidmais500* procurou captar uma diferença de média para a felicidade com relação a indivíduos que moram em cidades com maior densidade urbana, aqui definida para aqueles residentes em cidades com mais de 500 mil habitantes. Apenas para o estado de São Paulo o resultado foi significativo. Com relação a este resultado, é oportuno mencionar que o estudo de Anxo *et al.* (2011) para países com diferentes normas sociais e institucionais, como França, Itália, Suécia e Estados Unidos, no qual não foi encontrado associação entre densidade demográfica e felicidade, e, portanto, na direção contrária com o resultado observado para a mensuração deste efeito.

Tabela 3: Efeitos Marginais da Probabilidade de Felicidade no São Paulo

Variáveis Explicativas	dy/dx (1)	dy/dx (2)	dy/dx (3)	dy/dx (4)
escala de renda (<i>escrenda</i>)	0,0084 (0,0223)	-0,0068 (0,0180)	-0,0014 (0,0038)	-0,0001 (0,0005)
<i>dummy</i> emprego (<i>dempr</i>)	0,1336	-0,1069	-0,0236	-0,0030

	(0,1019)	(0,0821)	(0,0199)	(0,0038)
<i>dummy</i> aposentado (<i>dapose</i>)	0,1862 (0,1763)	0,1586 (0,1567)	-0,0245 (0,0197)	-0,0030 (0,0038)
<i>dummy</i> estudante (<i>destud</i>)	0,3550 (0,3018)	-0,3220 (0,2892)	-0,0293 (0,0156)	-0,0036 (0,0038)
<i>dummy</i> dona de casa (<i>ddonadecas</i>)	0,0388 (0,1598)	-0,0320 (0,1345)	-0,0060 (0,0225)	-0,0007 (0,0029)
<i>dummy</i> outras ocupações (<i>doutocup</i>)	-0,2082 (0,1907)	0,0943 (0,1123)	0,0995 (0,2542)	0,0144 (0,0439)
<i>dummy</i> ensino superior (<i>denssup</i>)	0,0844 (0,1230)	-0,0709 (0,1068)	-0,0120 (0,0151)	-0,0015 (0,0023)
<i>dummy</i> outro nível educacional (<i>doutniveduc</i>)	-0,0892 (0,0789)	0,0708 (0,0620)	-0,0162 (0,0163)	0,0020 (0,0028)
Idade	-0,003307 (0,011693)	0,002672 (0,009388)	0,000563 (0,001981)	0,000071 (0,000261)
Idade ²	0,000011 (0,000121)	0,000009 (0,000098)	0,000001 (0,000020)	0,000000 (0,000000)
<i>dummy</i> masculino (<i>dmasc</i>)	-0,1986 (0,0735)	0,1583 (0,0615)	0,035645 (0,017423)	0,0045 (0,0048)
<i>dummy</i> casado (<i>dcas</i>)	0,1822 (0,0760)	-0,1431 (0,0612)	-0,0346 (0,0189)	-0,0044 (0,0048)
<i>dummy</i> branco (<i>dbran</i>)	-0,0270 (0,0736)	0,0219 (0,0598)	0,0045 (0,0124)	0,0005 (0,0016)
<i>dummy</i> cidade mais de 500 mil (<i>dcidmais500</i>)	0,1159 (0,0709)	-0,0925 (0,0573)	-0,0207 (0,0145)	-0,0026 (0,0031)
<i>dummy</i> filhos (<i>dfilhos</i>)	-0,0270 (0,1002)	0,0219 (0,0822)	0,0044 (0,0160)	0,0005 (0,0021)

Fonte: Elaborado pelos autores a partir das estimativas dos dados da amostra da World Values Survey.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar os determinantes da felicidade sob a luz de um enfoque regional fazendo uso da base de dados da *World Values Survey* (WVS) para o ano de 2014. Para tanto, foi estimado um modelo *logit* ordenado a partir de um conjunto de atributos pessoais dos entrevistados para dois estados com características socioeconômicas bem distintas: Ceará e São Paulo.

Diversos resultados aqui obtidos estão em consonância com a literatura, como renda, idade, paternidade e estado civil, muito embora não se tenha um padrão comum para as unidades federativas em análise. Em ambos os estados, apenas três variáveis apresentaram-se, estatisticamente, significante.

Nos dois estados analisados as categorias de ocupação, na qual se diferencia da categoria base *desemprego*, não apresentaram significância com relação aos níveis de felicidade e não estão condizentes com as evidências produzidas considerando que a literatura corrobora que os maiores níveis de insatisfação e infelicidade são daquelas pessoas desempregadas. De fato, como destacam Di Tella, MacCulloch e Oswald (2001) os efeitos do desemprego no bem-estar das pessoas revelam-se até mesmo bem mais amplos quando comparados com outras patologias macroeconômicas, como a inflação. Por sua vez, Giannetti (2002) também mostra que os desempregados involuntários chegam a apresentar taxas maiores de infelicidade até mesmo com relação a suicidas.

Do ponto de vista de políticas públicas, é interessante destacar estas evidências elencadas da literatura com os resultados para o estado do Ceará no período de análise considerado (ano de 2014) a fim de descrever o quanto o impacto desta variável é substancial no grau de bem-estar dos indivíduos.

Como observam Giambiagi e Schwartsman (2014), neste período o intenso aquecimento do mercado de trabalho levava o desemprego do país a atingir taxas mínimas históricas com a economia operando a níveis próximos de pleno emprego. Adicionalmente, IPECE (2017, 2018) revela que o crescimento da economia cearense neste ano atingia seu nível potencial e, portanto, taxa de desemprego próxima a estrutural. Se for esse o caso, é razoável supor que a taxa de desocupação não tenha poder explicativo nos níveis de felicidade do cearense.

No caso da renda, Skidelsky e Skidelsky (2017) destacam que nos últimos trinta anos o aumento quase constante do PIB em diversos países industrializados e a imensa melhora na qualidade de vida destes não proporcionaram mais felicidade. Adicionalmente, Layard (2006) afirma que há um paradoxo no centro de nossa vida. Não obstante a maioria das pessoas deseje mais renda, quando as sociedades ocidentais ficaram mais ricas, seus integrantes não se tornaram mais felizes, o que corrobora a não significância dos resultados aqui analisados.

Layard (2006) também observa que é difícil o crescimento econômico aumentar a felicidade tendo em conta que quando a renda real se eleva a norma pela qual as pessoas se avaliam também se eleva. Harari (2016), por sua vez, destaca que Costa Rica e Cingapura, países com um amplo *gap* de produto per capita, registram em sucessivas pesquisas níveis de satisfação com a vida dos costa-riquenhos mais elevados do que os de Cingapura, mesmo que este último seja bem mais rico.

No que tange a idade, os resultados para o Ceará vão em direção à relação de U observada numa ampla gama de estudos na qual a felicidade é mais intensa na juventude e tende a atingir um ponto mínimo, voltando a crescer novamente a partir de então. Neste mesmo contexto, Corbi e Menezes (2006) encontram um ponto mínimo aos 54 anos para o nível de infelicidade em brasileiros.

Finalmente, é importante frisar a multiplicidade de avaliação do conceito de felicidade, bem-estar e satisfação da vida que a literatura tem destacado bem como suas dificuldades de mensuração. No entanto, medir e avaliar são uma das grandes ferramentas da economia aplicada no século XXI e como observa Giannetti (2002) o fato de a felicidade ser uma experiência subjetiva não significa que não devamos buscar a máxima objetividade possível na tentativa de compreendê-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANXO, D.; MENCARINI, L.; PAIHÉ, A.; SOLAZ, A.; TANTURRI, M. L.; LENNART, E. Gender Differences in Time Use over the Life Course in France, Italy, Sweden, and the US. *Feminist Economics*, v.17, n.3, p.159-195, 2011.
ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

AYDOS, L. R.; FIGUEIREDO NETO, L. F.; TEIXEIRA, W. M. Análise dos Determinantes do Nível de Felicidade Subjetiva: uma Abordagem Local. **Interações (Campo Grande)**, v.18, n.1, p.137-150, 2017.

BARROS, A. R. **Desigualdades Regionais no Brasil**. Natureza, Causas, Origens e Soluções. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

BOTTON, A. **As Consolações da Filosofia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CHEN, H. An Analysis of Bhutan's Gross National Happiness. **Seven Pillars Institute Moral Cents**. v.4, n.2, p.66-74, 2015.

CORBI, R. B.; MENEZES-FILHO, N. A. Os Determinantes Empíricos da Felicidade no Brasil. **Revista de Economia Política**, v.26, n.4, p.518-536, 2006.

DANTE, A. **A Divina Comédia**. São Paulo: Helder L. S. da Rocha, 1999.

DEATON, A.; STONE, A. A. **Grandpa and the Snapper: The WellBeing of the Elderly who Live with Children**. NBER Working Paper 19.100, 2013.

DEATON, A. **A Grande Saída**. Saúde, Riqueza e as Origens da Desigualdade. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

DEL BIANCO, T. S.; SOUZA, E. L. C.; DE OLIVEIRA, N. S. M. N.; SHIKIDA, P. F. A. A Felicidade da População Trabalhadora de Cascavel/PR Segundo a Métrica do Índice de Felicidade Interna Bruta. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.8, n.3, p.390-406, 2016.

DI TELLA, R.; MACCULLOCH, R. J.; OSWALD, A. J. Preferences over Inflation and Unemployment: Evidence from Surveys of Happiness. **The American Economic Review**, v.91, n.1, p.335-341, 2001.

DOLAN, P.; PEASGOOD, T.; WHITE, M. Do We Really Know What Makes us Happy: A Review of the Economic Literature on the Factors Associated with Subjective Well-Being. **Journal of Economic Psychology**, v.29, p.94-122, 2008.

DOLAN, P.; LAYARD, R.; METCALFE, R. **Measuring Subjective Well-Being for Public Policy: Recommendations on Measures**. Centre for Economic Performance Special Paper N° 23, 2011.

DOLAN, P. **Felicidade Construída**. Como Encontrar Prazer e Propósito no Dia a Dia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DORJI, D. K. Gross National Happiness: Concepts, Status and Prospects. **Seminar on Gross National Happiness**. p.18-20, 2004.

EASTERLIN, R. Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. **Nations and Households in Economic Growth**, v.89, p.89-125, 1974.

GIAMBIAGI, F.; SCHWARTSMAN, A. **Complacência**. Entenda por que o Brasil Cresce Menos do que Pode. Rio de Janeiro: Campus, 2014.

GIANNETTI, E. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FEIJÓ, C. A.; RAMOS, R. L. O. (ORG). **Contabilidade Social**. A Nova Referência das Contas Nacionais do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2013.

FEIJÓ, C. A.; RAMOS, R. L. O. (ORG). **Contabilidade Social**. Referência Atualizada das Contas Nacionais do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2017.

FRIJTERS, J.; BEATTON, T. The Mystery of the U-Shaped Relationship Between Happiness and Age. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v.82, p.525-542, 2012.

HANSEN, T. Parenthood and Happiness: A Review of Folk Theories Versus Empirical Evidence. **Social Indicators Research**, v.108, p.29-64, 2012.

HARARI, Y. N. **Homo Deus**. Uma Breve História do Amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARFORD, T. **O Economista Clandestino Ataca Novamente**. Como Arrumar ou Arruinar uma Economia. Rio de Janeiro: Record, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (PECE). **PIB do Ceará nas Óticas da Produção e da Renda – 2002-2014**. Fortaleza: IPECE, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (PECE). **Indicadores Econômicos do Ceará 2016**. Fortaleza: IPECE, 2018.

KAHNEMAN, D. **Rápido e Devagar**. Duas Formas de Pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LAYARD, R. **Felicidade**. Lições de uma Nova Ciência. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

MILLER, G. **Darwin vai às Compras**. Sexo, Evolução e Consumo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

PESSÔA, S. **Existe um Problema e Desigualdade Regional no Brasil?** 2011. Disponível em: < <http://www.brasil-economia-governo.org.br/>>. Acesso em: 2018.

PESSÔA, S. **Existe um Problema e Desigualdade Regional no Brasil?** Encontro Nacional de Economia, Salvador/BA, 2001.

RESENDE, A. L. **Devagar e Simples**. Economia, Estado e Vida Contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

RIBEIRO, L. L.; MARINHO, E. L. L. Gross National Happiness in Brazil: An Analysis of its Determinants. **EconomiA**, v.18, n.2, p.156-167, 2017.

ROBERTS, R. **Como Adam Smith pode Mudar sua Vida**. O que o Pai da Economia tem a Ensinar sobre a Natureza Humana, a Felicidade e a Riqueza. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

SALES, A. P.; COSTA, A. P.; VERONESE, R. P.; FERREIRA, C. A.; RESENDE, L. T. Felicidade Interna Bruta: Aplicação e Discussão nos Contextos de Cidades de Porte Médio Brasileiras. **Revista Cade**, v.12, n.1, p.59-82, 2013.

SANDEL, M. J. **Justiça**. O que é Fazer a Coisa Certa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHWANDT, H. **Ummet Aspirations as an Explanation for the Age U-Shape in Human Well-Being**. IZA Discussion Paper 7.604, 2013.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. Investigação sobre sua Natureza e suas Causas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

SMITH, A. **Teoria dos Sentimentos Morais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SHROTRYIA, V. H. Culture, Gross National Happiness and Disasters: Strategies for preparedness and Management of Disasters in Bhutan. **Journal of Integrated Disaster Risk Management**, v.3, n.1, p.170-183, 2013.

SKIDELSKY, R.; SKIDELSKY, E. **Quanto é Suficiente?** O Amor pelo Dinheiro e a Defesa da Vida Boa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

WHITE, M. P.; DOLAN, P. Accounting for the Richness of Daily Activities. **Psychological Science**, v.20, n.8, p.1.000-1.008, 2009.

VERMA, R. Gross National Happiness: Meaning Measure and Growth in a Living Development Alternative. **Journal of Political Ecology**, v.24, p.476-490, 2017.